



David Seymour (1948). *Crianças em Deslocamento*. Viena/Austria

Manoel por Manoel

EU TENHO UM ERMO ENORME dentro do meu olho. Por motivo
Do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho
Saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não
Pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando
era criança, eu deveria pular o muro do vizinho para catar
goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem, eu fazia
solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era
navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um
filhote de gafanhoto.

Cresci bincando no chão, entre formigas. De uma infância livre
E sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas
Do que comparação.

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz
Comun ~ hão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas
Garças, de um pássaro e sua árvore. Então, eu trago das minhas
Raízes cianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu
Sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo
Que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa
Visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar
Perdido, onde havia transfusão da natureza e comunhão com
Ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O
menino e o rio. Era o menino e as árvores.

(Manoel de Barros. *Memórias Inventadas para crianças*.
São Paulo: Planeta do Brasil, 2006).



W. Eugene Smith (1950). *Às Margens do Silver Laker*. EUA.



W. Eugene Smith (1950). *A Passos Firmes*. EUA.

Didática da Invenção

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá
Onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos
Passarinhos.*
A criança não sabe que o verbo escutar não
Funciona para a cor, mas para o som.
Então se a criança muda a função de um
Verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz
De fazer nascimentos...
O verbo tem que pegar delírio.

(Manoel de Barros. *O livro das Ignoranças.*
Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1994)



Sebastião Salgado (1996). *Bebês Abandonados*. São Paulo/Brasil

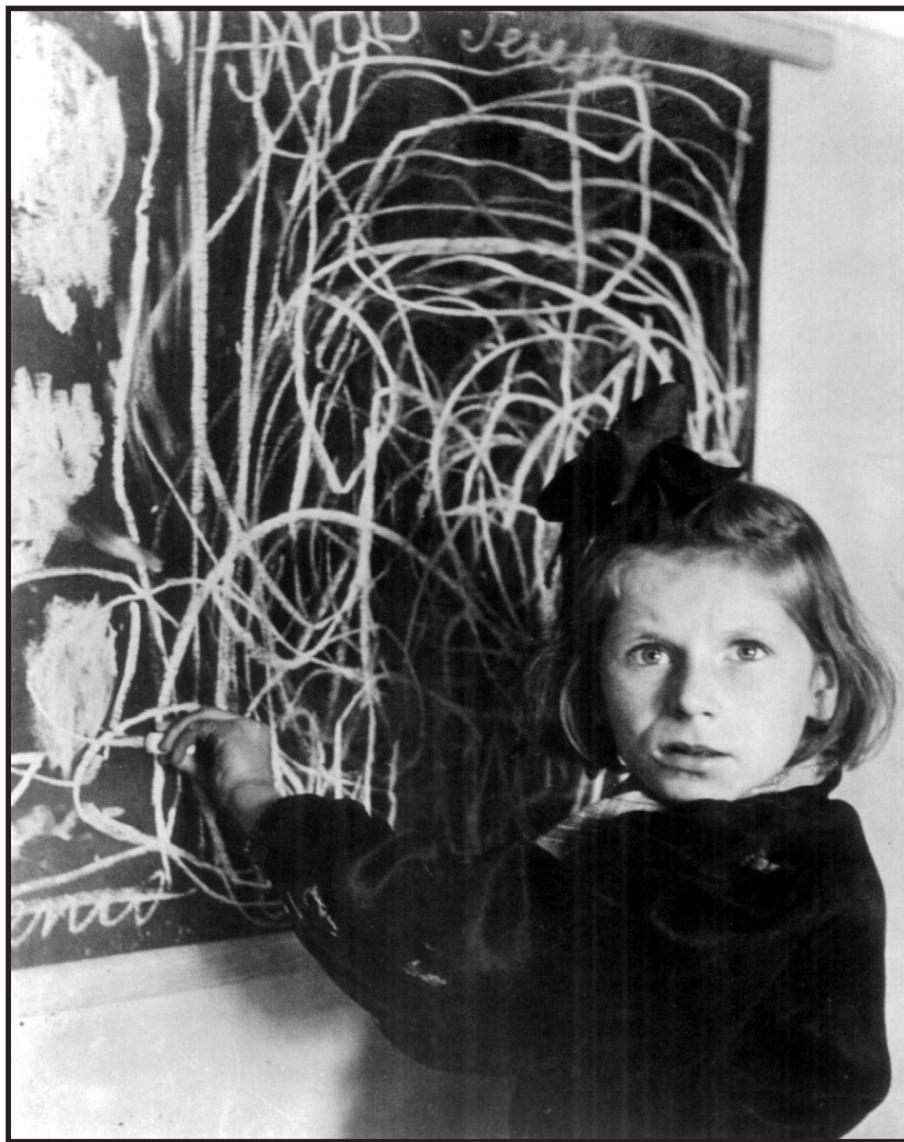
Uma palavra está Nascendo

Na boca de uma criança:
Mais atrasada do que um murmúrio.
Não tem histórias nem letras
Está entre o coaxo e o arrulo.

((Manoel de Barros. *Concerto a céu aberto para solos de ave*.
Rio de Janeiro: editora Record, 2008)



David Seymour (1948). *Entre as Ruínas*. Viena/Austria.



David Seymor (1948). Tereza. Polônia.

Retrato

Quando menino encompridava rios.
Andava devagar e escuro – meio formatado em
Silêncio.
Queria ser a voz em ue uma pedra fale.
Paisagens vadiavam no seu olho.
Seus cantos eram cheios de nascentes.
Pregava-se nas coisas quanto aromas.

(Manoel de Barros. *Concerto a céu aberto para
solos de ave*. Rio de Janeiro: editora Record, 2008).



David Seymour (1947). *Sapatos Novos*. Oxia/Grécia.

Retrato

Quando menino encompridava rios.
Andava devagar e escuro – meio formatado em
Silêncio.
Queria ser a voz em ue uma pedra fale.
Paisagens vadiavam no seu olho.
Seus cantos eram cheios de nascentes.
Pregava-se nas coisas quanto aromas.

(Manoel de Barros. *Conserto a céu aberto para solos de ave*. Rio de Janeiro: editora Record, 2008).

Brincadeiras

NO QUINTAL A GENTE GOSTAVA de brincar com palavras
Mais do que bicicleta.
Principalmentwe porque ninguém possuía bicicleta.
A gente brincava de palavras descomparadas. Tipo assim:
O céu em três letras
O sol em três letras
O inseto é maior.
O que parecia um despropósito
Para nós não era despropósito.
Porque o inseto tem seis letras e o sol tem três
Logo o inseto é maior. (Aqui entrava a lógica?)
Meu irmão que era estudado falou quê lógica quê nada
Isso é um sofisma. A gente boiou no sofisma.
Ele disse que sofisma é risco n'água. Entendemos tudo.
Depois Cipriano falou:
Mais alto do que eu só Deus e os passarinhos.
A dúvida era um indiozinho guató que aparecia no
Quintal, nosso amigo. Ele obedecia a desordem.



Edouard Boubat (1955). *Rémi Escutando o Mar*. Paris/França.



W. Eugene Smith (1950). *Juanita*. EUA.

Sobre Sucatas

ISTO PORQUE A GENTE FOI CRIADA em lugar onde não tinha Brinquedo fabrixado. Isto porque a gente hvia que fabricar os nossos brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo é boi de cela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo. Estranhei muito quando, mais tarde, precisei morar na cidade. Na cidade, um dia, contei para minha mãe que vira na Praça um homem montado no cavalo de pedra a mostrar uma faca comprida para o alto. Minha mãe corrigiu que não era faca, era uma espada. E Que o homem era um herói da nossa história. Claro que eu não Tinha educação de cidade para saber que herói era um homem Sentado num cavalo de pedra. Eles eram pessoas antigas da história que algum dia defenderam a nossa Pátria. Para mim, aqueles homens seriam como trastes, como qualquer pedaço de camisa nos ventos. Eu me lembrava dos espantalhos vestidos com as minhas camisas. O mundo era um pedaço complicado para o menino que viera da roça. Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que tudo o que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata.

Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que Uma nave espacial. Peço desculpa por cometer essa verdade.

(Manoel de Barros. *Memórias Inventadas para crianças*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.)